



BULLYING NA ESCOLA E NA FAMÍLIA: CAPELANIA COMO ALTERNATIVA PREVENTIVA E CORRETIVA

BULLYING AT SCHOOL AND FAMILY: CHAPLAINCY AS A PREVENTIVE AND CORRECTIVE ALTERNATIVE

Josué de Oliveira¹
Neir Moreira da Silva²
Fridbert August³

RESUMO

O *bullying* é um fenômeno presente no dia a dia da escola, sendo comum e muitas vezes não tendo a atenção devida por parte dos envolvidos. Neste estudo será trabalhado sobre o fenômeno *bullying*, seus conceitos de violência, na escola, na família, suas causas, suas consequências e possíveis soluções, tanto para a escola, quanto para a família.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Violência. Escola. Criança. Família. Capelania.

ABSTRACT

Bullying is a happening daily in all kinds of school. Often being considered natural and often not having the share of attention it deserves. This essay will present the definition of bullying, its concepts of violence in school, in the family, and the factors that influence these evil practices, its causes, its consequences and practical solutions, both for school as for the family.

KEYWORDS: Violence. School. Child. Family. Chaplaincy

¹Bacharel em Teologia da Faculdade Fidelis.

² Mestre em Teologia pela PUCPR e Docente do curso de Pós-graduação da Faculdade Fidelis.

³Especialista em Teologia Aplicada pela Faculdade Fidelis, Mestre em Pastoral Care and Counseling pela AMBS (IN, EUA), Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. fridbert.august@fidelis.edu.br

INTRODUÇÃO

A violência escolar vem ganhando cada vez mais espaço na mídia. Notícias em jornais e revistas causam espanto e preocupação aos pais, e para a própria escola. Esta violência inclui um fenômeno chamado *bullying*, que não é novo em si, mas um acontecimento antigo que tomou forma e acabou ganhando um nome específico. Desse modo, antes de fazer qualquer conclusão sobre a sua origem, trazer a culpa para o aluno agressor, para escola, para família ou até mesmo para sociedade, existe a necessidade de compreendê-lo. Antes de qualquer intervenção ao *bullying* deve-se considerar seus efeitos nas áreas social, educacional, familiar e do indivíduo.

Partindo-se do pressuposto de que os efeitos desta violência vão se diferenciar dependendo do contexto em que estiver inserido, neste trabalho será abordado o *bullying*, definindo este tipo de violência na escola e na família. Serão apresentadas causas e consequências, com possíveis soluções e ações preventivas ao alcance da escola e da família. Também será apresentado o trabalho de capelania escolar e seu potencial preventivo e corretivo no combate a esta violência.

1 BULLYING

Neste capítulo será definido o que é *bullying*, e como ele acontece. Que formas esta violência tem e o que ela pode denunciar sobre seus agressores e as comunidades onde se manifesta. As diferenças nos tipos de violência existentes na escola requerem um exercício de interpretação, pelo fato dela acontecer, muitas vezes, de maneira silenciosa.

1.1 O QUE É *BULLYING*?

Bullying é uma palavra de origem inglesa, atualmente adotada em diversos países. O termo surgiu do inglês “*bully*”, que traduzido para o português, significa, tirano, brigão ou valentão. *Bullying* causa danos físicos e psicológicos em suas vítimas. Esta prática é sempre

violenta, intencional e repetidas várias vezes. Por isso vem sendo estudada com maior intensidade, visando identificar comportamentos agressivos e antissociais.

Fante (2005), afirma que o *bullying* acontece de forma velada, por “meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima” que tem um poder destrutivo muito grande, ferindo a área mais íntima de uma pessoa, que é a sua alma”. O *bullying* vem se disseminando muito rápido nos últimos anos, e seus resultados são massacres em escolas, em diversas partes do mundo, inclusive o Brasil (FANTE, 2005, p. 21).

Segundo Tognetta (2005) o que diferencia o *bullying* de um conflito cotidiano, ou considerado "normal", é que no caso do *bullying* além do conflito há agressão (TOGNETTA, 2005, p. 4). Estudos feitos sobre o fenômeno *bullying* tiveram origem na irrupção e na falta de controle do sentimento de intolerância, já nos primeiros anos de vida (COSTANTINI, 2004, p.68).

O estudo sobre o *bullying* teve seu início mais precisamente na Suécia, tendo grande repercussão na Noruega no ano de 1982, quando três crianças entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio, como consequência de maus tratos que ocorreram na escola. No ano seguinte a esse acontecimento, em 1983, o Ministério da Educação daquele país, se empenhou em promover uma campanha de escala nacional, para apoiar estudos sobre este assunto (DIAS, 2011, p. 8).

Este tipo de violência pode ser praticado por um ou mais indivíduos, sempre com intenção de humilhar, intimidar ou agredir, verbalmente ou fisicamente. O *bullying* é praticado contra uma pessoa que se sente indefeso, que muitas vezes não consegue entender qual é o motivo de estar sofrendo esta agressão.

A vítima do *bullying* se sente intimidada pelo seu agressor, pelo fato do agressor ter alguma superioridade física ou por estar inserido num meio social diferente daquilo que é sua realidade. O *bullying* pode ser praticado por qualquer pessoa em qualquer ambiente, seja na rua, escola, igreja, clubes, no trabalho ou em casa no convívio familiar.

No Brasil, foi criada a lei nº 13.185/2015, para combater o *bullying* e o *cyberbullying*, através desta lei, o agressor ou praticante de *bullying* pode ser punido por esta prática, com penas previstas no código penal como: injúria, difamação e lesão corporal. Pode-se então concluir que nem todo os tipos de violência se encaixam na definição de *bullying*, neste caso considera-se que: discussões ou brigas, conflitos que acontecem entre professor e aluno não

podem ser considerados *bullying*. Todo *bullying* é uma agressão, mas nem toda a agressão é classificada como *bullying*.

Cyberbullying é um tipo de violência praticada contra alguém com o uso da internet, nas redes sociais, como: *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, entre outros aplicativos disponíveis para o internauta. Praticar *cyberbullying*, é usar o mundo virtual para realizar seus ataques contra pessoas, colegas de escola, professores, com insultos, difamação ou com ataques contra mulheres, negros, homossexuais, e até mesmo contra práticas religiosas.

Esta palavra surgiu da junção da palavra inglesa “*cyber*” com “*bullying*”. “*Cyber*” está associada a todo tipo de comunicação virtual de comunicação, que usam as mídias digitais, como a internet. O *cyberbullying*, é um dos métodos que os agressores também têm usado, pois desta forma eles podem agredir de forma anônima.

Neste artigo a revisão da literatura se deu com foco no *bullying*, que por si só traz vários enfoques importantes na sociedade e na maneira como a criança e/ou o adolescente se relacionam e reagem quando se tornam vítima desses comportamentos nocivos.

1.2 NA ESCOLA

A escola é o ponto de referência e o lugar de fazer amigos, de crescer juntos. Isso porque, além de estudarem juntos, os alunos conversam, jogam, riem e brincam. Porém é neste mesmo ambiente que existe uma grande preocupação com a violência entre os adolescentes, além das agressões físicas, que é o surgimento da nova prática mais sutil e cruel que é o *bullying*, ocupando espaço privilegiado nesse meio.

O *bullying* é uma das violências que tem suas formas variadas, podendo ser físicas, verbais, sociais e relacionais. Em determinadas situações, crianças têm uma capacidade incrível para crueldade, e seria difícil esgotar uma relação de motivos para comportamentos que levam para as intimidações.

Pode-se considerar *bullying* físico: bater, dar tapas, cotoveladas, empurrões com os ombros, empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente, chutar, tomar, roubar, danificar pertences, restringir, beliscar, atacar com comida, cuspe, ameaças e linguagem corporal intimidadora e assim por diante. Já a outra forma que o *bullying* ou violência acontece é a

verbal, neste caso com apelidos ofensivos, comentários com insultos e que humilham, que contém racismo e assédio, provocações repetidas, ameaças e intimidações (BEANE, 2010, p.19-21).

Na opinião de PEREIRA (2002), o *bullying*, representa uma forma séria de comportamento antissocial que, pela sua duração, pode prejudicar o desenvolvimento da criança, tanto imediatamente como a longo prazo, e pode contribuir para o maior envolvimento nos comportamentos casuais.

Para CONSTANTINI (2004) o *bullying* não é um conflito normal ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas:

Verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

A violência que os alunos usam para causar pânico, medo em outros alunos, mostra a grande falta de respeito e amor ao próximo. As diferenças nos tipos de violência existentes na escola, requerem uma interpretação mais atenta, pelo fato dela acontecer muitas vezes, silenciosa.

ABRAMOVAY (2005), apresenta seu conceito de violência, como sendo algo que se deve ter muita cautela para fazer suas análises:

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais (ABRAMOVAY, 2005, p. 53).

A escola deve estar atenta, ser observadora, quanto ao comportamento dos estudantes, em relação a violência silenciosa. Para isso ela deve contar com o apoio dos seus colaboradores, para que as consequências não sejam desastrosas. Porque a intenção do agressor é fazer com que a outra pessoa seja menos valorizada, que ela seja humilhada, e esta violência pode ser camuflada ou explícita.

1.3 NA FAMÍLIA

Ao sofrer *bullying*, a criança se sente incomodada, mas quando esta prática acontece dentro do lar, é algo que ela não espera, trazendo confusão em seus pensamentos. Quando a criança entende que ela está sofrendo *bullying* em casa, há uma quebra da confiança que havia nos membros da família. O que se pode encontrar dentro do contexto familiar em relação ao *bullying* são agressões tanto físicas quanto psicológicas. Entende-se que os pais precisam estudar mais sobre este assunto, pois observa-se uma grande lacuna no conhecimento referente ao *bullying*. Na busca de um entendimento para poder ajudar tanto a escola como a família no combate ao *bullying*, FANTE (2005) coloca em evidência seis determinantes para a violência. São eles: biológicos, pessoais, familiares, sociais, cognitivos e ambientais. Sendo que o agressor pode desencadear um ou mais destes fatores.

Geralmente esses determinantes são mais comuns em fatores pessoais, sociais, e ambientais, ou seja, se determinadas crianças e adolescentes vêm de ambientes violentos, em convivência com pessoas violentas, elas são punidas de forma violenta, então provavelmente veem isso como uma opção para resolver seus problemas ou conflitos. Esta criança pode usar a violência física, como reação daquilo que ela recebe no ambiente familiar.

É importante destacar, porém, que o ambiente familiar não é o único responsável pelo *bullying*. Crianças podem crescer juntas e ter as mesmas experiências, relacionamentos e mesmo assim se desenvolverem como adultos bem diferentes. Os pais estabelecem padrões e modelos de juízos morais para seus filhos, mas cada criança constrói a sua própria estrutura de juízo moral (WARD, 1981, p. 49-50).

2 PRINCIPAIS CAUSAS DO BULLYING

O combate sobre os efeitos psicológicos que o *bullying* causa em uma pessoa, tem sido prejudicado pela falta de diálogo e conhecimento sobre este tema. As causas desta violência, que muitas vezes são desconhecidas pelos seus protagonistas, vão além do contexto escolar, podendo estar presente no ambiente familiar ou na sociedade.

A falta de afeto da família, falta de transmissão de valores, sensação de abandono e pais negligentes podem ser fatores que contribuem para o aumento da violência entre alunos e a prática do *bullying* nas escolas e na família.

2.1 NA ESCOLA

O que acontece nas escolas, é que o *bullying* é identificado em muitos momentos enquanto o aluno está na escola, e em muitos momentos da ocorrência do *bullying*, os alunos que sofrem esta violência tendem a ficar isolados ou também são isolados pelos demais. Muitos alunos não conseguem falar sobre o que estão sofrendo, pois temem não ser ouvidos ou até mesmo não encontrar ajuda. Alguns comportamentos agressivos podem se dar por dois motivos: os fatores externos à escola, e os fatores internos à escola, dentro destes motivos há alguns pontos a serem considerados, para entendermos o fenômeno *bullying*.

FANTE (2005) fornece alguns pontos para entendermos os fatores externos à escola. O contexto social referindo-se a desigualdade social favorece um ambiente de violência, por causa do trabalho infantil, má distribuição de renda, falta de condições mínimas para viver como: moradia, alimentação, saneamento básico e o desemprego.

De maneira geral, a estrutura social proporciona comportamentos agressivos e violentos, um dos pontos a ser considerado é a exclusão social, principalmente na infância e na juventude. Outro fator a ser considerado, são os meios de comunicação que influenciam no dia a dia, através das relações virtuais, e principalmente o meio televisivo que atua sobre a opinião pública, e é influenciadora, inclusive na construção de identidade principalmente para as crianças.

Outro fator externo à escola colocado por FANTE (2005) é a família, ou seja, o modelo educativo familiar de educação que cada uma constrói. A criança ou adolescente pode ser exposto à violência e agressão desde pequeno, o que de certa forma o estimula para ter o mesmo comportamento, ou ter sofrido punições violentas e agressivas, pode ter sofrido intimidações de seus familiares, castigos físicos, ou tonalidade da voz. Na família podem existir diversos fatores que desencadeiam esses comportamentos violentos, não tendo um determinante apenas, de modo geral, a criança ou o adolescente, muitas vezes, reflete a maneira que aprendeu a lidar consigo mesmo e com suas emoções.

FANTE (2005) assinala:

É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não-violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais (FANTE, 2005, p.174).

O agressor usa, por exemplo, insultos, intimidações, apelidos cruéis, acusações injustas, furta pertences da vítima, impõe medo, atua em grupos para hostilizar suas vítimas, levando-os à exclusão. Na opinião de Fante (2005), “é um comportamento cruel e intrínseco das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (FANTE, 2005, p. 29).

Para o agressor, os atos de *bullying* parecem divertidos, enquanto humilham a pessoa vitimada. Quando esta aceita de forma pacífica, torna-se alvo de chacota também para outros alunos. O agressor se sente bem, pois para a sua turma ele é “o poderoso”, ele se satisfaz ao ver o riso dos colegas. Pode acontecer também que o agressor experimente uma espécie de sentimento de vingança pelas agressões ou humilhações que talvez sofra em outros ambientes, entre eles, o familiar. Ou simplesmente porque a educação que recebe serve de incentivo à violência e ao sadismo, neste caso dando-lhe prazer ao ver o sofrimento da sua vítima (FANTE, 2008).

As agressões do *bullying* são consideradas gratuitas porque a pessoa vitimada, geralmente, não cometeu nenhum ato que motivasse as agressões. Geralmente acontece por motivos discriminatórios, por exemplo, ser de etnia diferente, ser um bom aluno e tirar boas notas, ser frágil ou muito pequeno, usar óculos, possuir atitudes afeminadas para os homens ou masculinizadas para as mulheres, ou seja, por seu porte físico, suas atitudes e valores, entre muitos outros (FANTE, 2008).

A educação que os meninos e as meninas recebem é diferenciada. Os meninos têm a necessidade de confirmar constantemente sua masculinidade por meio de atos agressivos. As meninas, por outro lado, precisam muitas vezes comprovar sua feminilidade, é muito provável que elas não comentam atos agressivos, elas optam por outras formas de violência, neste caso verbal (RAMOS, 2001).

Com as meninas o *bullying* acontece de forma sutil, porque no caso delas, se utilizam de fofocas, boatos, intrigas e com exclusão do grupo de amigas. Meninas muitas vezes se escondem sob uma fachada de doçura para se magoarem mutuamente e em segredo (RAMOS, 2001).

Alguns fatores devem ser levados em consideração com relação ao ambiente da prática. São os fatores internos a escola, que estão presentes no cotidiano das crianças e dos adolescentes. De acordo com Fante (2005) os fatores internos são: O clima escolar e as relações interpessoais. No ambiente escolar é comum o discurso de que todos têm os mesmos direitos, porém isso pode fazer com que até mesmo as diferenças sejam igualadas. Em outras palavras, a escola não leva em consideração as características individuais de cada aluno, e suas diferenças pessoais.

Desta forma a escola não se torna um local prazeroso, que estimula o aprendizado, as relações e a sociabilização. Geralmente o que se vê, é que a escola exclui, separa, todos aqueles que saem da “norma”, do padrão homogêneo. A atuação docente no que tange a metodologia ou a forma de lidar com os conflitos pode gerar problemas de indisciplina, violência e agressividade, e como consequência o *bullying*.

2.2 NA FAMÍLIA

As práticas de *bullying* na família, com agressões físicas e psicológicas, frequentemente fazem com que adolescentes repliquem essas agressões no ambiente escolar. Existem fatores que são predominantes no ambiente familiar para a ocorrência do *bullying*, e um desses fatores é a falta de respeito, porque a criança passa de vítima em casa, para agressor na escola. A criança que vive esta confusão, cria em si um sentimento do que é certo ou errado distorcido e pode demorar para conhecer ou entender estes conceitos corretamente.

Os pais precisam estar atentos ao que acontece com os filhos em casa, pois desta forma evitam sérios problemas. É muito importante a família descobrir as causas do *bullying*, pois identificadas as causas no seio familiar, é possível trabalhar na prevenção, e ter a possibilidade de uma educação onde ensine o respeito, e a criança não seja vítima em casa e na escola.

Por este ponto de vista, poderá ser analisado o que este tipo de violência que muitas vezes é visto por muitos como brincadeira, mesmo que tendo seu teor de agressividade ou ofensividade, mesmo que sendo justificada pelo seu agressor ou ofensor, como sendo algo ocasional, raro, que não é recorrente. Não existe motivos aparentes para a prática do bullying no ambiente familiar.

3 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

As vítimas do *bullying* ou apresentam sintomas como: baixa autoestima, medo, angústia, pesadelos, ansiedade, dificuldade de concentração, dores de cabeça, mudanças de humor, vômitos, falta de apetites, choro, insônia, stress, suicídio, entre outros (PINHEIRO, 2010). Em muitos casos as vítimas recorrem a tratamentos psicológicos, como terapias, para amenizar as marcas deixadas pela agressão.

3.1 NA ESCOLA

O *bullying* atrapalha a aprendizagem do aluno, podendo levar a um baixo rendimento escolar, a comportamentos hostis, comprometendo sua adaptação como estudante e sua interação social, além de afetar o seu comportamento fora da escola.

Os pais devem estar atentos ao comportamento de seu filho, observando se ele está se envolvendo em casos de *bullying* ou está sendo vítima desta violência. Possivelmente ele apresentará alguns destes sintomas: baixo rendimento escolar; reclama da escola e não quer mais ir a ela; vontade de não sair de casa, com baixa autoestima; tristeza e sentimentos negativos; medo e ansiedade; sentimento de vingança e agressividade; insônia e pesadelos; desinteresse por coisas que gostava de realizar; problemas de saúde sem diagnóstico; insegurança e desconfiança do outro; entre outros sintomas. Vale salientar que não é apenas a vítima que sofre, mas o agressor, os que testemunham, a comunidade escolar, a própria família e outros envolvidos (SILVA, 2014).

A maneira repressiva/coercitiva como a escola socializa o indivíduo também pode produzir violência reprimindo as ideias e o comportamento, podendo se caracterizar como violência institucional. O intuito da violência institucional disciplinar, é de preparar o indivíduo

para outras instituições, se utilizam da hierarquia, normas, regras que são estabelecidas, para justificar e manter ordem, hierarquia e regras.

Comportamentos como indisciplina, perturbação, falta de interesse pelas aulas ou ensino são diferentes dos atos de violência, das agressões e esta falta de atenção ou interesse também pode acontecer com os alunos que sofrem *bullying*. Como acontece constantemente, na maioria dos casos, não recebem atenção, ou não são identificados pelos professores ou pelos pais. Enquanto que os casos de indisciplina recebem atenção e são identificados e muitas vezes resolvidos pelos professores, os casos de violência ou *bullying* ficam, muitas vezes, sem ser resolvidos.

Para compreender o *bullying* e a violência no âmbito escolar é necessário refletir sobre o que é violência e o que é *bullying*? Quais as causas e consequências que tem levado à escola? Pensar junto com a comunidade escolar, assim como, professores, alunos, gestores, além da família e sociedade, e como os agentes educacionais podem colaborar para amenizar ou até mesmo solucionar este problema, que muitas vezes fica invisível ou é omitido dentro da escola.

A violência no cotidiano escolar tem sido cada vez mais banalizada e naturalizada. Em decorrência dessa negligência, acontecem perseguições, opressões, e muitas formas de agressões, ocasionadas, muitas vezes, pela omissão dos agentes escolares.

3.2 NA FAMÍLIA

Na medida em que a criança se desenvolve, vai descobrindo formas mais adultas de raciocínio. Na primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 13 e versículo 11, o autor usa este desenvolvimento como exemplo do crescimento espiritual de seus leitores: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino”. Os pais precisam aprender o processo de amadurecimento da criança, precisam considerar a perspectiva de vida da criança e seus processos de raciocínio. A perspectiva de vida da criança está voltada para um universo centralizado, seus valores de autossatisfação.

As ideias agressivas e destrutivas apresentadas em filmes, nos jogos de videogames ou *internet*, colocando a violência como algo cotidiano, frequente e imediato, dando a entender

que aqueles que são mais violentos ganham ou se sobressaem aos demais, coloca-se em cheque o juízo moral da criança. O resultado dessa influência é que há um entendimento de que violência e agressividade são estratégias para resolver seus problemas, distanciando cada vez mais da possibilidade de um diálogo para resolverem seus conflitos.

Esses comportamentos têm reflexo na vida das crianças, e são reproduzidos por elas na relação com seus colegas na escola. Alguns podem até não reproduzir de maneira proporcional, mas, guardam para si as agressões sofridas dentro de casa, ou até mesmo se expressam com raiva e revolta.

A exclusão social é outra consequência da violência doméstica, isso faz com que a criança ou adolescente tenha dificuldade em estabelecer relações de amizade, não participa de atividades, se isola, tornando as relações ainda mais difíceis. Os fatores externos à escola influenciam muito no comportamento no âmbito escolar, tornando crianças e adolescentes propícios a serem tanto agressores, causadores de *bullying*, ou até mesmo vítima deste fenômeno. Afinal, todos esses fatores apresentam consequências físicas, psicológicas e emocionais na vida daqueles que estão na escola como alunos.

4 PREVENÇÃO AO PROCESSO DE *BULLYING*

O problema do *bullying* na escola frequentemente está ligado aos valores culturais e problemas na dinâmica familiar. Por isso mesmo o ambiente familiar é de grande importância, sendo este ambiente protagonista decisivo no que diz respeito a violência ou não-violência. A família, portanto, é muito importante no processo de prevenção, porque é no ambiente familiar que a criança recebe sua educação, e não seja mais uma na imensidão, não sendo respeitadas, valorizadas, como seres humanos.

4.1 NA ESCOLA

Qual é o papel da escola em relação ao *bullying*? Para que o aluno possa se adaptar no ambiente escolar, deve-se criar ações nas quais os professores consigam ter um bom relacionamento com os alunos, não havendo este relacionamento ou estes sejam desiguais,

crianças e adolescentes serão excluídos deste processo, ou serão discriminadas, ignoradas. Experiências escolares positivas ou negativas que estes alunos sofrem marcam suas vidas, essas experiências podem ser tanto prazerosas quanto desagradáveis. Estas experiências sendo traumáticas trará consequências para este aluno, como o medo, a insegurança, e ocorre o grande temor de que isto ocorra novamente.

São muitas as questões que contribuem para o fenômeno bullying nas escolas, assim se encontra vários alvos, motivos, características aparentes e outros fatores que permitam perseguições, opressões, várias formas de violências, agressividades, humilhações acontecem com aqueles que estão fora do padrão da escola e sociedade. Os pais e professores devem estar atentos às atitudes de seus filhos e alunos, principalmente quanto as alterações de comportamento, hematomas no corpo e demais situações que pareçam fora do comum.

Segundo MINAYO (1999) uma escola ideal é exatamente a escola que favorece um ambiente saudável e de formação para a cidadania;

É aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador (MINAYO, 1999, p.114).

Ou seja, não se pode esperar da escola apenas o aprendizado acadêmico. A oportunidade que a escola tem, de ensinar conceitos essenciais na formação do cidadão, é única. Precisa-se, portanto, incluir de maneira intencional e prioritária, oportunidades de aprendizado que formem cidadãos convictos, críticos e cientes de seu papel na sociedade em que estão e estarão inseridos.

Os pais, os educadores, juntamente com a capelania escolar, e os que estão envolvidos com a educação precisam ser bons observadores da cultura, e pensar biblicamente sobre o fenômeno *bullying*, precisam ter uma atuação com estratégias que visam ministrar o ensino bíblico sistematizado e com sensibilidade e amor aos praticantes de *bullying*, e para as crianças e adolescentes com comportamento violento e as vítimas do *bullying*.

4.2 NA FAMÍLIA

Donatelli (2004), diz que: “família é um ideal burguês”, e qual é a base que a burguesia usou para estruturar o ideal de família? A burguesia usou o método marxista para estruturar o seu ideal de família. Porém o conceito máximo de família, pode ser encontrado na Bíblia, a Palavra de Deus. O mundo capitalista, revela-se violento, repleto de selvageria e suas competições desenfreadas.

A família e o modelo familiar têm de ser um fator determinante para que a criança aprenda a lidar com suas frustrações, com suas derrotas, com as diferenças, e principalmente aprender valores e atitudes que a possibilitem de viver e conviver em sociedade. Além disto, Fante (2005) afirma que os maus-tratos e o modelo educativo familiar, métodos educativos ambíguos, desestruturação familiar e a falta de tempo para os filhos contribuem no modo de comportamento dos filhos.

Conversar com a criança que sofre *bullying*, faz com que ela sinta que tem alguém que goste dela, e não vai permitir que ela sofra calada. Deve-se também conversar com o agressor e explicar os prejuízos que o *bullying* causa na pessoa que está sendo agredida, e que este comportamento não é aceitável.

A ideia de violência dentro do ambiente familiar, seja ela física ou verbal, demonstra a ausência de afetividade e de diálogo, faz com que a criança tenha comportamentos agressivos na sociedade e também na escola. Outro fator é a falta de limites desde os primeiros anos de vida.

A punição severa, contribui para que a criança possa entender que a violência é a melhor ideia para se resolver algum tipo de conflito. Da mesma forma a superproteção, que muitos pais aplicam para seus filhos, não deixa que a criança desenvolva habilidades, para lidar com situações ruins que possam vir acontecer contra aquela criança ou adolescente no ambiente escolar.

4.3 COMO OS PAIS PODEM CONTRIBUIR NO COMBATE AO BULLYING?

O primeiro passo a ser dado pelos pais, é criar um espaço no tempo da família, que poderia ser chamado “Hora da Família”, este espaço seria aquele momento em que todos os integrantes da família, desligaria, o telefone celular, *tablet*, a televisão, se possível for até o telefone fixo, para que este momento seja da família.

Este momento seria um momento de diálogo, aconselhamento, estudo da Bíblia, oração e ter um lanche em família feito por todos os integrantes da família, independentemente da idade.

Quando se tem este espaço, muitas coisas podem ser resolvidas, como por exemplo: o *bullying*, neste espaço todos aprendem a controlar suas emoções, suas ansiedades. Neste espaço, todos podem falar mesmo que sejam coisas sem coesão, mas quem estiver falando sentirá que ele tem seus valores e não vai ser rejeitado.

Enfim os pais precisam entender que eles são os grandes parceiros dos filhos e da escola, pois a escola é o lugar onde eles depositaram confiança para o aprendizado de seu filho. Na opinião de Ward (1981), os filhos não são cachorrinhos para serem treinados, Deus os fez com uma grande sensibilidade moral, não precisam de recompensa quando fazem algo corretamente ou para despertar a consciência moral. O ser humano precisa de gentileza, amor e respeito (WARD, 1981, p. 55).

A Bíblia recomenda aos pais para ensinarem seus filhos no caminho em que devem andar (Pv 22.6). Também o próprio Senhor Jesus disse aos seus discípulos que deveriam “fazer discípulos... ensinando-os a guardar (ou obedecer) o que haviam aprendido” (Mt 28.19,20). Isto significa que o ensinamento não deveria ficar limitado à transmissão de uma série de regras de conduta, mas sim a um ensinar também pelo exemplo. “Ensinar a obedecer” não se refere a impor regras, mas sim a transmitir um padrão de conduta onde o que é dito (regra) também é colocado em prática (ensinar a obedecer). Os pais devem ensinar para os filhos sobre o amor de Deus por eles, e o amor Deus pela humanidade, para que os filhos entendam que, Deus criou os seres humanos com vontade moral e com capacidade de escolha moral (WARD, 1981, p.98).

Em Romanos capítulo 12, versículo 2, está escrito: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Versão Revista Atualizada). Na Nova Versão

Internacional, o tradutor optou por “não se amoldem ao padrão deste mundo”, ou seja, não se conformar, não é apenas dizer não, o não se amoldar ao padrão deste mundo, quer dizer que o ser humano precisa se transformar a cada dia para que possa experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (POHL,1999, p.200-201).

Para STOTT (2007), o apóstolo Paulo diz que este é um chamado para não ser acomodado e também para a santidade, para o cristão não se pode viver como camaleão, que vive assumindo cores dos ambientes de onde se encontra, ou seja, não se pode ter uma vida de mentira. Paulo desafia neste caso pais e filhos para que não se acomodem com as coisas deste mundo, com as regras que este mundo impõe, neste caso o *bullying*, não se deve andar, como eles andam, não se deve fazer, como eles fazem, mas deixem transformar as vossas mentes.

Os seres humanos são sempre imitadores por natureza, das coisas ou dos modelos deste mundo, mas esquecem de imitar, de copiar dos modelos de Cristo (STOTT, 2007, p. 390-391). Porém a realidade é outra, precisa-se de coragem para tomar decisões, de escolher entre o certo e o que é conveniente (HYBELS, 1997, p. 14-15).

Este versículo traz um conselho para os que cometem violência como o *bullying*, para que não o façam, não se conformem com as práticas do mundo, não se conformem com a violência, precisam ir ao contrário daquilo que se tem feito, renovar a mente através do Espírito Santo, limpar sua mente das práticas violentas.

Crianças e adolescentes precisam entender que eles precisam de coragem para conseguirem expor, de falar a verdade com relação ao que ele vem sofrendo, sem ter o medo de não ser ouvido. O *bullying* está sendo identificado de maneira errada, pois muitos pais acreditam que seu filho sofre *bullying* na escola quando um professor chama atenção dele por indisciplina ou por não ter feito suas tarefas de casa ou mesmo de sala de aula.

Os pais precisam estar atentos aos sinais de mudança no comportamento e fazer um acompanhamento de perto dos filhos. Da mesma forma os educadores precisam estar atentos no comportamento diferenciado dos alunos e ajuda-los, ou até fazer um encaminhamento para capelania escolar para que se faça um trabalho de aconselhamento, tendo sempre o diálogo para poder identificar possíveis manifestações de *bullying*.

Abre-se assim uma oportunidade para a vítima e para as testemunhas relatarem o que está acontecendo, para se criar um ponto de contato para a transmissão da verdade bíblica. Os pais são os primeiros professores de seus filhos, ensinam tudo aquilo que acham que serve para

que tenham um bom começo de vida, isso inclui como ensinar o filho a desenvolver um importantíssimo papel em sua felicidade, saúde física, saúde mental e um sucesso na vida como um todo.

O relacionamento dos pais com seus filhos em casa contribui em muito no relacionamento do filho com outras pessoas a lidar com problemas que ocorreram em sua vida. Quando o rei Salomão escreveu em Provérbios capítulo 22 e versículo 6 “Ensina a criança no caminho em que deve andar” (BÍBLIA SHEDD), ele quis dizer, se os pais ensinarem o filho a respeitar as outras pessoas, ele terá um bom relacionamento, não irá se desviar para o mal.

Contar experiências positivas e negativas, fará com que seu filho desenvolva autoconfiança, e desenvolva uma saudável autoestima quando se deparar com agressores (BEANE, 2010, p.57). Ensinar os filhos a falar a verdade é um caminho para que eles tenham bons relacionamentos sadios tanto em casa como na escola e sociedade. O homem desde sua criação anela por relacionamentos honestos, abertos, nos quais se pode ter alguém para compartilhar suas dúvidas, fracassos e temores, e encontrar alguém com empatia e poder ter suas confidências.

Esse tipo de relacionamento é o que Deus tem em mente para todo o ser humano. Deus criou o ser humano para que tenha bons relacionamentos, relacionamentos autênticos, e ele espera que todo o ser humano experimente esse relacionamento, inclusive com ele (HYBELS, 1997, p.57).

Os pais devem ensinar aos filhos valores de boa conduta, que valorizem o sucesso de outra pessoa e incentivem a buscar o seu próprio sucesso, sem ser agressivo ao ponto de cometer o *bullying*. Os filhos precisam entender que precisam comunicar aos pais todo tipo de agressão que estão sofrendo, e os pais precisam ouvir e entender, precisam aprender a identificar os tipos de agressão que seus filhos estão sofrendo para poder ajuda-los.

O amor incondicional e atenção são ações que os pais precisam exercer para seus filhos; quando os pais conseguem dispensar este amor e atenção para seu filho, estão dizendo que eles o amam, assim como ele é. Quando os pais não conseguem fazer com que o filho sinta que eles o amam, seus pensamentos ficam conturbados, acreditando cegamente que não merecem ser amados, nem pelos pais, nem por ninguém, chegando ao ponto de achar que eles não devem se amar, porque é uma pessoa insignificante. Isso é devastador e poderá ter consequências terríveis.

Os pais são modelos e precisam ser bons modelos para seus filhos, modelos de autocontrole, bondade, empatia e sensibilidade. É fundamental ensinar aos filhos o poder do perdão, independentemente da idade, mesmo que seja pequeno demais ou que especialistas em desenvolvimento infantil sejam contra este ensino, achando que seu filho é pequeno demais para saber o que está fazendo, não serem disseminadores de discórdias (BEANE, 2010, p.58 - 59).

Infelizmente o *bullying* é um dos tipos de violência que vem crescendo, neste caso, pais, escolas, sociedade, famílias, não estão preparados para combater esta prática. Quando os filhos sofrem esta violência os pais não conseguem direcioná-los, dar a eles uma resposta mais concreta; vem sempre com respostas que os filhos devem ignorar o agressor ou até mesmo revidar com outra agressão (BEANE, 2010, p.93).

Para os pais começarem a ajudar os filhos precisam saber se estão aptos ou não para esta tarefa. Uma boa conversa para entender o que está acontecendo é o melhor caminho para começar a oferecer ajuda. É natural o filho adolescente pedir aos pais para que não se envolvam (BEANE, 2010, p. 95). Neste momento os pais precisam ter cautela e paciência, para poder ajudar seu filho.

Hybels (1997) se sente tentado em criar um adesivo com as palavras, “*Pais, vocês sabem quem está criando seus filhos?*” (HYBELS, 1997, p. 100). Os pais precisam ser os grandes transmissores da imagem de Deus aos filhos, ensinar seus filhos que eles são os portadores da imagem de Deus, que precisam ser brilhantes, ativos e serem motivados e treinados para carregar a tocha do cristianismo autêntico sempre refletindo a grandeza do caráter de Deus e entregando para a próxima geração (HYBELS, 1997, p. 100 - 101).

Provérbios capítulo 23 e versículo 19 afirma: “Ouve, filho meu, e sê sábio; guia retamente no caminho o teu coração” (BÍBLIA SHEDD). Quando se busca caráter, certas coisas devem ser mantidas dentro do coração, outras precisam ser mantidas bem longe dele. Coração que não tem vigilância, é um coração que com certeza vai ser um desastre, um coração que tem vigilância, com certeza será um coração que conseguirá sobreviver e vencer os ataques do *bullying* (SWINDOLL, 1991, p. 17).

4.4 CAPELANIA ESCOLAR E BULLYING

Para entender melhor o que é uma capelania escolar é preciso primeiro conhecê-la, como ela surgiu. O termo capelania, teve sua origem na expressão “capa pequena”. A ideia é de alguém que empresta, compartilha ou cede sua capa ou parte dela para proteger e abrigar outro alguém das intempéries da vida. Capelania é um serviço de apoio e assistência espiritual que se compromete e visa a integralidade do ser humano, no corpo, nas emoções, no intelecto, e no espírito (VIEIRA, 2011, p. 13-14).

A capelania pode ser exercida em regimentos militares, hospitais, presídios, asilos, escolas, etc. Com função na orientação e encorajamento nos momentos de crise, busca reavivar a fé e a esperança. Faz-se presente nos momentos em que as crises da vida são compartilhadas no aconselhamento pastoral, nas visitas aos doentes nos hospitais, consolando e trazendo alento nos velórios e entre outros espaços e contextos.

A capelania escolar é um dos ramos da capelania que tem ações pastorais dentro das escolas de ensino infantil, fundamental, médio e ensino superior (VIEIRA, 2011, p.18), não visando somente os estudantes, mas todos aqueles que estão envolvidos com a escola como, família, alunos, professores, funcionários, direção, fornecedores, governo e sociedade. Capelania existe para ajudar, aconselhar, não pode ser substituída pela disciplina de Ensino Religioso. O ensino religioso vai além da religião constituída, porque pode-se ensinar sobre religião para um grupo de alunos, sem se preocupar com sua vida espiritual, e seu relacionamento com Deus (FERREIRA, 2012, p.18-19).

Capelania escolar, é um dos ramos da capelania voltada para a ação pastoral dentro das escolas, seja ela na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio ou na universidade. Através da capelania escolar a fé se concretiza no dia a dia da escola e dos alunos pelos atos solidários, na presença amigável do capelão ou da capelã, quando se enfrenta as dores da alma e no anúncio da mensagem de Cristo.

Vieira (2011, p. 18) afirma que por diversas razões, o serviço de capelania escolar parece estar se encolhendo ou está cada vez menos presente nas escolas, isso tem colaborado com a necessidade das escolas e alunos de enfrentarem seus problemas com auxílio de alguém que não seja alguém de sua família.

O ambiente escolar é muito propício para que esta ajuda seja procurada, e esta ajuda está vinculada ao seu colega ou até mesmo com professores que não estão capacitados para ajuda-los neste enfrentamento. Os desafios para os alunos vêm aumentando a cada dia, e a capelania poderá ajuda-los neste enfrentamento, no aconselhamento, no crescimento, e na ajuda na solução ou suportar os desafios. Os desafios aumentam, mas, ao mesmo tempo, os fatores intimidadores ou limitadores para uma ação pastoral mais efetiva também crescem.

As escolas cristãs têm um papel fundamental no aspecto de sua missão evangelizadora e pastoral, que as diferenciam das outras escolas seculares. Segundo a Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas (ABIEE), nas escolas adventistas, presbiterianas, metodistas, batistas e luteranas que são ligadas a esta associação, 60% de seus alunos matriculados não são evangélicos.

Acredita-se que estas famílias buscam nestas escolas ajuda na solução de problemas que aparecem no processo de criação e formação de seus filhos, neste tempo de tantas complexidades e crises. Entre as várias crises que surgem entre estas famílias, que afetam alunos e escola é o *bullying*, um tipo de violência que ganhou um espaço maior hoje na mídia, um problema que atinge todas as faixas etárias da sociedade, e com muito destaque nas escolas.

A capelania escolar é um serviço oferecido pelas escolas confessionais, e este serviço assiste o corpo docente, os colaboradores, administrativo, alunos, seus familiares e responsáveis diretos, quando estes estão passando por um conflito dentro do ambiente escolar principalmente quando o aluno sofre *bullying*.

Os capelães precisam estar aptos para trabalhar com a problemática do *bullying*, a equipe que compõe a capelania escolar precisa contar com a ajuda de profissionais, como: psicólogos, neste desafio, visando sempre encontrar soluções para quem sofre com o *bullying* e também encontrar soluções para quem pratica o *bullying* (VIEIRA, 2011, p.15-20).

CONCLUSÃO

O *bullying* causa constrangimentos, uma violência, um fenômeno social, mutável e histórico que pode ser evitado, com ações e estratégias como: conversas com os alunos, interferir diretamente quando se percebe que existe ações de *bullying*. Sendo assim, enfrentar e

prevenir esta violência ou qualquer tipo de violência escolar, deve partir de uma investigação sobre este fenômeno, para que possa intervir de acordo com cada realidade. O *bullying* como um fenômeno social de grande relevância possui características específicas, deve ser analisado a partir das suas peculiaridades em cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada um.

É possível encontrar caminhos para trazer um significado para as relações humanas, tanto no dia a dia da escola, como no ambiente familiar, assim como da sociedade. Os professores podem contribuir com o combate ao *bullying*, com aulas que visam trazer uma socialização dos alunos. Dessa maneira, deve-se refletir sobre o papel de educador, e o compromisso que o educador tem com a educação, para poder ter iniciativas de interferir no momento adequado, de forma coerente, que facilita a aprendizagem, com respeito mútuo e solidário.

A escola não deve ter somente o papel de ensinar, mas de criar situações que promovam, aprendizado, desenvolvimento individual, coletivo dos alunos, para exercer a cidadania plena. A família e a escola não devem ignorar a temática e os problemas que o *bullying* causa. Este trabalho expôs problemáticas atuais, e buscou apresentar possíveis soluções para o combate ao *bullying* e desta forma contribuir para um futuro mais solidário.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO. Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.
- BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do Bullying**. Rio de Janeiro, Best Seller, 2010.
- CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo? prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. São Paulo, Itália Nova, 2004.
- DIAS, Liliane Vicente. **Bullying: um caso de violência nas escolas**. Guarabira, UEPB, 2011.
- DONATELLI, Dantel. **Quem me Educa? A Família e a Escola Diante da (In) Disciplina**. São Paulo, Arx, 2004.
- FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, Verus, 2005.
- FERREIRA, Damy. **Capelania Escolar Evangélica**. Rádio Trans Mundial do Brasil. São Paulo, 2012.
- HYBELS, Bill. **Como Ser um Cristão Autêntico**. São Paulo, Vida, 1997.

MINAYO M. C. de S *et al.* (org.). **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência:** estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. Porto: Ed. Imprensa Portuguesa, 2002.

PINHEIRO, Luzia. **Consequências do Bullying,** 2010.

<<https://saudeb23anadia.wordpress.com/2010/04/23/consequencias-do-bullying/>>. Acesso em 03/12/2017.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos, Comentário Esperança.** Curitiba, Esperança, 1999.

RAMOS, Euélica Fagundes, **Violência Escolar e Bullying: o papel da família e da escola.** 2001. <<http://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>>. Acesso em 25/11/2017.

SHEDD, Russell P. **Bíblia Shedd.** São Paulo, Vida Nova; Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

SILVA, Roniédson. <<http://nossariachodesantana.blogspot.com.br/2014/01/o-papel-da-familia-no-combate-ao.html>>. Acesso em 25/11/2017.

STOTT, John. **A Mensagem de Romanos.** São Paulo, ABU, 2007.

SWINDOLL, Charles. **A Busca do Caráter.** São Paulo, Vida, 1991.

TOGNETTA, Luciane Regina Paulino. **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos.** In: PONTES, Aldo, De Lima, V.S. **Construindo saberes em educação.** Porto Alegre, Zouk, 2005.

VIEIRA, Walmir. **Capelania Escolar, Desafios e possibilidades.** Rádio Trans Mundial do Brasil. São Paulo, 2011.

WARD, Ted. **Os valores começam no lar.** Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1981.